



**Entre a leitura da fala e a escrita da língua:
o fonema em Saussure**
*Between the reading of the speech and the writing of the
language (langue): the phoneme in Saussure's work.*

Núbia Rabelo Bakker Faria

(Universidade Federal de Alagoas - Faculdade de Letras/
Curso Letras - Maceió - Alagoas - Brasil)

RESUMO

Este trabalho investiga o conceito de fonema em Saussure e objetiva elucidar o lugar por ele ocupado em suas formulações teóricas a propósito da ciência da linguagem e de seu objeto. Por situar-se no intervalo entre fonação e impressão acústica, o conceito saussuriano de fonema exige o sujeito falante – “nicho da linguagem e da língua” – e desloca o discurso naturalista da gramática comparada sem, contudo, fundar uma nova ciência. A partir de Milner (2012), assumimos que Saussure dá continuidade à linguística inaugurada por F. Bopp e, para dar conta da continuidade e do deslocamento mencionados, buscamos explicar as razões deste em função daquela.

Palavras-chave: *Saussure; fonema; sujeito falante.*



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

ABSTRACT

This work investigates the concept of phoneme in Saussure and aims to elucidate the place it occupies within his theoretical formulations concerning the science of language and its object. Situated in the interval between phonation and acoustic printing, the Saussurian notion of phoneme requires the speaking subject – “niche of langue et langage” – and displaces the naturalistic standpoint of comparative grammar without founding a new science. Based on Milner (2012), we assume that Saussure continues the linguistics inaugurated by F. Bopp and, to account for the continuity and the displacement referred, we seek to explain the reasons of the latter on the basis of the former.

Key-words: *Saussure; phoneme; speaking subject.*

Introdução

Este trabalho se propõe a discutir o conceito de *fonema* em Saussure, a partir de uma pesquisa de natureza bibliográfica que busca, no interior da teorização linguística do autor – Curso de Linguística Geral (CLG)¹, Escritos de Linguística Geral (ELG), Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911) (TCLG) e comentadores como Godel, Engler, De Mauro e Parret² –, elucidar o lugar ocupado por esse conceito nas formulações teóricas saussurianas a propósito da ciência da linguagem e de seu objeto.

Parte-se de uma perspectiva epistemológica que convoca prioritariamente o nome de Milner e Foucault, assim como o de Koyré. A posição assumida quanto à linguística neste trabalho será a de Milner. Foucault, entretanto, inserido no debate de uma mesma época, permite elucidar alguns pontos sobre os quais trataremos, sem que com isso assumamos, propriamente, a sua *arqueologia do saber*. Koyré comparece na medida em que sua história do pensamento científico e filosófico permitirá a Milner reconhecer a relação de *continuidade*

1. Assumimos aqui ser o CLG uma “obra saussuriana” num sentido amplo, isto é, reconhecendo ser esse o livro que possibilitou a circulação das ideias *saussurianas* que tiveram forte influência sobre a linguística do século XX. Neste trabalho, o CLG será tomado como texto saussuriano *canônico*, a partir do qual as fontes manuscritas serão confrontadas.

2. Apenas os dois primeiros comentadores serão citados neste trabalho.

entre o pensamento de Saussure e a ciência inaugurada por F. Bopp – a gramática comparada.

A obra de Bopp – *Du système de la conjugaison sanscrite comparé avec celui des langues latine, grecque, persane et germanique* (1816) – será assumida pelos três autores como um marco histórico que separa os estudos linguísticos modernos da perspectiva representacionista da gramática clássica, com consequências profundas sobre a cultura ocidental. Afirmo Foucault (2007) que, em fins do século XVIII, há uma alteração irreparável na concepção de saber “como modo de ser prévio e indiviso entre o sujeito que conhece e o objeto do conhecimento” (p.346). Entre as novas “empiricidades” modernas surgidas nessa época, encontra-se a *linguagem*: “Para que a palavra possa dizer o que ela diz, é preciso que pertença a uma totalidade gramatical que, em relação a ela, é primeira, fundamental e determinante” (p.387).

O nome de Bopp aparece como uma “sigla”³ representante desse acontecimento que, a despeito das profundas transformações dele advindas, passará despercebido, à margem de nossa consciência histórica pois, ainda segundo Foucault (2007), “[...] não é possível a uma cultura tomar consciência, de modo temático e positivo, de que sua linguagem cessa de ser transparente às suas representações para espessar-se e receber um peso próprio.” (p.389).

A relação de continuidade entre Bopp e Saussure será assumida neste trabalho e, em torno dela, o conceito de fonema será discutido, assim como a afirmação saussuriana de que o sujeito falante é “nicho da linguagem e da língua”. Essa afirmação desloca o discurso naturalista de que a gramática comparada irá se impregnar, notadamente, com autores como Max Müller e Schleicher. Esse deslocamento, entretanto, não tem por efeito fundar uma nova ciência, diferente daquela em que se inscreve a tradição inaugurada por Bopp. Dar conta dessa continuidade e desse deslocamento é, portanto, buscar explicar as razões deste em função daquela. Nesse sentido, assumimos que a entrada do sujeito falante no discurso de Saussure submete-se ao projeto científico inau-

3. Em mais de uma ocasião Foucault diz-se embaraçado com o uso que fez dos nomes próprios em *As palavras e as coisas*, ao tratar das novas “empiricidades” trazida à luz em finais do século XVIII: “[...] seria preciso compreender Ricardo ou Bopp não como o nome que permite classificar um certo número de obras, um certo conjunto de opiniões, mas como a sigla de uma transformação [...]” (Foucault, 2005: 223).

gurado em torno de Bopp, assim como os conceitos de *signo* e *fonema*. Este último nos ocupa particularmente neste trabalho.

Para Milner (2012), signo em Saussure é um conceito primitivo que se apresenta como *evidente*: “[...] o signo não é objeto de uma teoria, mas o *meio* de expor uma teoria cujo objeto é completamente outro” (p.57). Saussure, ao tratar da negatividade e da diferença dos elementos linguísticos (os signos) que constituem uma língua, afirma: “[...] eu admito, somos desafiados a reconhecer que sem essa *ficção* o espírito seria literalmente incapaz de dominar uma tal quantidade de diferenças, em que não há, em parte alguma, em momento algum, um ponto de referência positivo e firme” (ELG: 61 – grifo nosso)

Se a língua, como diz Milner (ELG: 26), “é assim”, ou seja, “ignora a questão a respeito do que é que poderia instituir a existência, bem como não concebe nada relativo a uma possível inexistência”, admitindo como *unidade evidente* uma *ficção necessária*, o conceito de fonema desafia. Atribuímos este desafio a pelo menos quatro aspectos da questão que denunciam a estreita relação entre fonema, letra, fala, escrita e língua: a) o uso da letra pela ciência moderna, em sua escrita literal, ocorrerá com os estudos histórico-comparativos ao formularem leis de mudança fonética e ao reconstruírem formas linguísticas do passado que jamais poderão ser faladas nem significadas, utilizando-se de uma escrita onde figuram fonemas; b) a concepção de fonema não pode ser indiferente a uma *origem*, qual seja, ao aparecimento da *letra* na escrita ocidental, notadamente no alfabeto grego que, ao incluir as vogais, a vincula intimamente à *fala*, dando existência *material* a seus elementos irreduzíveis; c) o reconhecimento de não haver outra existência para o fonema que não a do *encadeamento* e a do *intervalo* entre a fonação e a escuta do sujeito falante e d) as mudanças fonéticas, acontecimentos, acidentes materiais de fala registrados pelos estudos diacrônicos, têm consequências sincrônicas, isto é, alteram o sistema da língua, atingem simultaneamente a relação signo/signo e a relação significado/significante, sem que essas mudanças impeçam a continuidade da língua e a sua transmissão entre as gerações de falantes.

É importante destacar ainda que, neste trabalho, discutiremos o *fonema* saussuriano despido da definição que impregnou a linguística do século XX, a partir das elaborações do Círculo Linguístico de

Praga (CLP), em que a leitura dicotômica dos conceitos saussurianos de língua/fala e forma/substância sustentou a formulação da diferença inconciliável entre *fonema* e *fone*, trazendo-os para o domínio da *sincronia*, ao lado do conceito de signo, sem que esse deslocamento fosse problematizado.

Godel (1957), no capítulo IV *Problèmes d'interprétation* de *Les Sources Manuscrites* (SM), inicia o item dedicado ao *Fonema* referindo-se à Escola de Praga e afirmando que “[e]n rattachant ici la question du phonème à la dualité langue : parole, on déroge au plan tracé par Saussure [...] la ‘phonologie’ saussurienne n’a de commun que le nom avec la science des systèmes phonologiques” (p.160). Embora Godel utilize *fonologia* entre aspas, ao que parece, para marcar o termo que se consagrou, a partir do CLP, para designar a área dedicada ao estudo do fonema (em oposição à *fonética*, estudo do fone), manteremos o termo *fonética* no sentido em que este foi empregado por Saussure: *fonologia*, disciplina auxiliar da linguística, estudo da *fisiologia dos sons*, separando-o da *fonética*, “uma das partes essenciais da ciência da língua”. (CLG: 43). Lançamo-nos, portanto, em busca da *fonética saussuriana*.

Linguística Moderna: a Gramática Comparada

Como afirmado acima, assumimos a posição de Milner (2012) segundo a qual Saussure *não* funda a linguística moderna: para Saussure “[...] a linguística existe – é a gramática comparada –, o problema é que ela ignora aquilo que a possibilita” (p. 51). O CLG “[...] não passa da exposição das condições conceituais que tornam possível a gramática comparada” (p.32), reconhecimento explícito, insiste o autor, nas fontes manuscritas do CLG (cf. Engler e De Mauro).

Para Milner (2012), a linguística para se constituir ciência moderna precisaria atender aos requisitos da matematização: “[...] após Galileu, [a ciência moderna] substitui o objeto por letras e por símbolos a partir dos quais ela raciocina”⁴ (p.30) – objetivo cumprido pela gramática

4. Vale destacar que, a partir de Koyré, Milner (1995: 21) afirma que a ciência galileana pressupõe a combinação de dois traços: a matematização do empírico e a constituição de uma relação com a técnica (aplicação prática da ciência). Interessa-nos discutir apenas o primeiro destes traços, na medida em que o *fonema* é assumido como a *letra* desta ciência, aqui representada pela gramática comparada.

comparada ao edificar uma *escrita* para “[...] *notar* formas por definição não observáveis, desempenhando a função de matriz para um conjunto de formas observadas” (p.31).

O exemplo de Saussure sobre a reconstrução de **ěk₁wōs* é ilustrativo:

[...] para conhecer as unidades fônicas de uma língua, não é indispensável caracterizar-lhes a qualidade positiva; cumpre considerá-las como entidades diferenciais cuja peculiaridade consiste em não se confundirem umas com as outras. Isso é de tal maneira essencial que se poderiam designar os elementos fônicos de um idioma a reconstituir por quaisquer algarismos ou signos. Por conseguinte, a reconstrução de **ěk₁wōs* quer dizer que o correspondente indo-europeu do latim *equos*, sânscrito *açva-s* etc., era formado de cinco fonemas determinados, tomados à gama fonológica do idioma primitivo. (CLG: 259).

Observa-se que a reconstrução se faz pela *escrita* que toma o *fonema* por *letra*, sem que essas formas/fórmulas possam ser *faladas*. Se essa escrita não corresponde a uma fala (não há nela qualidade positiva), mas apenas a possibilidade de registro da diferença, pouco importa que ela se constitua de *algarismos*. A escrita *matematizável* mencionada por Milner, referindo-se à ciência desde Galileu, é explicitamente assumida por Saussure.

Se a comparação é *morfológica* – isto é, as formas postas em relação são unidades isoladas a partir de considerações morfológicas – será a fonética que a esclarecerá e possibilitará seu registro: “[u]ma forma reconstruída não é um todo solidário, mas uma soma sempre decomponível de *raciocínios fonéticos*” (CLG: 256 – grifo nosso).

Falar em morfologia no domínio histórico é, segundo Saussure, falar de uma “*segunda existência do signo*” que “[...] só se manifesta ou encontra *sanção tangível* no instante em que há, um em face do outro, um *passado* e um *presente* [...]” e que “[...] só se mantém quando se isola o signo de sua significação e de qualquer significação que lhe sobrevenha.” (ELG: 52). Como esclarece Milner (2012), são comparadas propriedades indiferentes ao que as referidas formas comunicam ou designam.

Ao tratar da mudança linguística, corroborando o que diz Milner, afirma Saussure a respeito de uma unidade morfológica derivada da comparação entre outras de mesmo tipo: “[...] negaremos sempre que falar em *alka* tenha algum sentido, que haja alguma coisa que seja *alka* fora de uma dessas operações subentendidas de identificação [...] a fórmula *alka* não representa literalmente nada”. (ELG: 62). Saussure ainda chamará de “assaz extravagante” a ideia de “[...] restaurar de cabo a rabo o indo-europeu, como se pretendessem *utilizá-lo*” (CLG: 257 – grifo nosso).

É evidente o deslocamento que se estabelece entre a concepção de língua de que se ocupa a ciência linguística e aquela de que se faz *uso*. Cumpre-se, assim, o que Foucault (2007) assinala marcar o nascimento da filologia comparatista e que escaparia à consciência ocidental: a linguagem (aquela mesma de que se serve) adquiriu uma dimensão irreduzível à pura discursividade. (p. 325).

O apagamento da *fala* ou do *uso* nos estudos linguísticos, em favor da reconstrução escrita de formas “impronunciáveis”, parece justificar a escolha dos termos *filologia* ou *gramática* para a ciência que se inaugura⁵, não obstante a ruptura que se estabelece com os estudos clássicos, onde esses termos se originam. Se em ambos os campos (da filologia e da gramática) a *escrita* ocupa um lugar privilegiado, no caso dos estudos linguísticos, a escrita se pretende outra. Entretanto, ficam patentes os impasses em que o campo se enreda: se a escrita “impronunciável” faz-se através de fonemas sem “qualidades positivas”, ali dispostos para registrar as diferenças (vimos o exemplo com **ěk₁wōs*), a fonética saussuriana, esclarece Godel (1957: 160), faz-se pelo estudo do *aparelho vocal* para obterem-se os princípios para a interpretação das *escritas* do passado, para se chegar às *mudanças fonéticas* que as *grafias* sucessivas deixam antever. Não surpreende que a *ambiguidade* venha a se instalar no conceito saussuriano de fonema, como assinalou Sechehaye (cf. Godel).

Resta então saber se a ambiguidade, nesse caso, representa um *problema* ou uma *descoberta* para a teorização. No primeiro caso, o problema poderia ser resolvido com uma limpeza no campo, como a

5. Segundo Saussure, “[...] a ciência para a qual Bopp e Grimm abriram o caminho se intitula, de início, filologia comparativa ou gramática comparativa” (ELG:116).

que entendemos ter sido operada pelo CLP, ao separar fonema e fone, concebendo-os no âmbito da sincronia. No segundo caso, se se trata de uma descoberta, há que se elucidar *o que* foi descoberto, assim como seus *efeitos* sobre a ciência que Saussure buscava legitimar/fundamentar.

Não resta dúvida de que a *escrita* se efetivará na linguística, como convém à ciência moderna. Pretendemos, então, entender, não apenas *o que* se escreve mas, igualmente, *onde* se escreve. Ou melhor, onde essa escrita se *inscreve*. Esta nos parece ser a razão que conduz Saussure a reconhecer o sujeito falante como “nicho da linguagem e da língua”. Assumimos que *é na inclusão do sujeito falante que se sustenta seu lugar de continuador da ciência fundada em torno do nome de Bopp*. Seria possível reconhecer aí a descoberta aludida acima?

“A língua é a letra”

Para dar prosseguimento a esta discussão, escolhemos um texto, recolhido nos manuscritos de Saussure (ELG) que levanta algumas questões intrigantes, relativamente ao que se afirmou acima sobre seu lugar de continuador da gramática comparada. As referências a Bopp e à antiga e à nova “escolas de linguística”, a repetição insistente do termo *fenômeno* e as muitas afirmações generalizantes sobre língua e linguagem dão uma ideia das reflexões do autor a propósito dos fundamentos do campo científico da linguística e de sua relação de pertencimento a ele.

O texto encontra-se nos ELG, seção *Outros escritos de linguística geral, Novos documentos* (Acervo BPU 1996), item 1, em cuja abertura encontra-se uma definição bem explícita de *sincronia*, construída a partir da noção de *fenômeno*, termo que se repete duas vezes nesse pequeno parágrafo e que aparecerá outras duas vezes no restante do texto: “A linguagem é um fenômeno; é o exercício de uma faculdade que existe no homem. A língua é o conjunto de formas concordantes que esse fenômeno assume numa coletividade de indivíduos e numa época determinada.” (ELG: 115).

Diz Milner (2012) que é possível reconhecer em Saussure o estilo kantiano: “[...] para que a linguística seja possível enquanto ciência é

preciso [...] distinguir os *fenômenos* das *coisas em si*” (p.51). Em Saussure, prossegue o autor, a linguagem seria do domínio das coisas em si e a língua se constituiria no fenômeno em estudo. No trecho dos ELG acima destacado, tal distinção de conceitos não ocorre. A linguagem é caracterizada como *fenômeno* e ao mesmo tempo como *exercício de uma faculdade do homem*. Mais adiante, no mesmo documento, a língua o será. Não nos propomos a solucionar, nos limites deste trabalho, o que poderia ser uma confusão conceitual nesse fragmento de texto de Saussure ou um erro de interpretação de Milner. O importante, nos parece, é a afirmação segundo a qual a busca por definir quais seriam os *fenômenos* concernentes à linguística situa Saussure numa relação de continuidade com a gramática comparada, para autorizá-la enquanto ciência.

No texto em análise, destacamos ainda a referência a Bopp e sua escola e ao seu “mal-entendido” quanto ao procedimento de *abstração* em matéria de língua:

O mal-entendido em que caiu, no início, a escola fundada por F[rantz] Bopp, foi atribuir às línguas um *corpo* e uma *existência* imaginários, *fora dos indivíduos falantes*. A abstração em matéria de língua, mesmo feita com conhecimento de causa, só permite, na prática, aplicações limitadas – é um procedimento lógico – ainda mais uma abstração à qual se dava um corpo e da qual se era o joguete ia ser um impedimento... (ELG: 115 – grifo nosso).

Mais que uma crítica ao método, pensamos poder encontrar na menção feita ao *falante* outro indicativo do *estilo kantiano* de Saussure a que aludiu Milner (2012 [1978]). Afirmo Deleuze (2001), ao discutir a relação sujeito/dado a partir da crítica de Kant a Hume:

Para Kant [...] é preciso inverter o problema, *reportar o dado ao sujeito*, conceber o acordo como um acordo do dado com o sujeito, um acordo da Natureza com a natureza do ser racional. [...] *o dado não é uma coisa em si, mas um conjunto de fenômenos*, conjunto que só pode ser apresentado como uma Natureza por uma síntese *a priori*, a qual torna possível uma regra das representações na imaginação empírica, mas com a condição de constituir, primeiramente, uma regra dos fenômenos nessa própria Natureza. (p. 125)

Kant, destaca Deleuze (1976), opera uma *revolução copernicana* ao “substituir a ideia de uma harmonia entre o sujeito e o objeto (acordo

final) pelo princípio de uma submissão *necessária* do objeto ao sujeito” (p.27-8). Portanto, o “estilo kantiano” de Saussure o conduz a entender que, para a linguística abordar seus fenômenos, será preciso enfrentar a relação do sujeito (falante) com o seu objeto (da linguística) e, dessa relação, destacar os fenômenos da área. Explica-se, portanto, a crítica feita à escola de Bopp (“atribuir às línguas um *corpo* e uma *existência* imaginários, *fora dos indivíduos falantes*”). Acrescente-se a isso a insistência de Saussure por especificar o objeto da área, discussão exemplar no CLG.

Engler (1968) recolhe em seu *Lexique* uma definição específica para o termo *abstração* em linguística, igualmente referido no fragmento do ELG em análise, “= entité ou → unité abstraite ‘ayant indirectement son appui par *une opération des sujets parlants*’ dans l’unité concrète [...] ‘abstraction positive quoique se rencontrant *chez tous les sujets parlants*” (p. 11 – grifo nosso). O fenômeno para ser constituído reclama o sujeito falante, isto é, unidades linguísticas se definem a partir de uma operação dos sujeitos.

Noutro momento, ao discutir *Alternância e mudança fonética* (ELG – *Antigos Documentos*), Saussure volta a se referir a Bopp e sua escola para criticar o uso de conceitos como *raízes*, *temas*, *suffixos* etc. tomados como possuindo um valor absoluto. Saussure volta a questionar o uso do termo *abstração* para se referir às unidades morfológicas, defende a necessidade de se ter “um critério fixo no tocante ao que se pode denominar *real* em morfologia” (p.158) e estabelece o dito critério: “O que é real, é aquilo de que os sujeitos falantes têm consciência em um grau qualquer; tudo aquilo que eles têm consciência e apenas aquilo que eles podem ter consciência.” (p.158). No domínio da morfologia, o que é real para o sujeito falante será, na teoria, um fenômeno cuja existência está assegurada: “[...] tudo o que existe no sentimento dos sujeitos falantes é *fenômeno real*” (p.160). O falante legitima o fenômeno da linguística quando se trata de unidades morfológicas, em suma, do *signo*.

O fim dessa reflexão de Saussure é curioso. O que vinha organizado em seu texto sob a forma de *resultado*, *critério*, *pergunta*, *resposta*, *conclusão*, *observação importante* é assim encerrado:

Moral: Uma vez mais vemos que a morfologia não pode jamais combinar e misturar muitas épocas diferentes; que ela deve exercer sua atividade separadamente no seio de cada época, sob pena de confundir os fatos fonéticos e os fatos morfológicos. Eu não digo que esse não seja um procedimento corrente, eu digo que é um procedimento detestável (ELG: 160)

A “moral da história” é a demarcação dos domínios da fonética e da morfologia, leia-se, da diacronia e da sincronia: “[...] diacrônico equivale a não gramatical, assim como sincrônico a gramatical” (CLG: 164). Na sincronia, o domínio do signo/morfologia/significação, o falante comparece como a autoridade máxima a decidir o que é ou não unidade da língua. Do passado, o falante faz tábula rasa e já não intervém. No entanto, ao tratar dos estudos históricos, nesse mesmo texto, Saussure adverte os linguistas: “Não atribua aos períodos antigos da língua nenhum procedimento ou fenômeno além dos que são contestáveis⁶ na linguagem viva” (ELG: 158).

Tratando-se de um texto cujo título aponta para uma discussão diacrônica – *Alternância e mudança fonética* –, há que se explicar a longa reflexão empreendida pelo autor em torno da morfologia, que acaba por ser descartada dos estudos históricos. Por outro lado, é preciso que a segmentação operada pelo falante no estado sincrônico balize e chame a análise do passado: “[...] unida por um vínculo interior à análise subjetiva da língua viva, a análise objetiva tem um lugar legítimo e determinado no método linguístico” (CLG: 215). Já vimos acima que as formas postas em relação nos estudos comparatistas são unidades selecionadas a partir de considerações morfológicas. Nesse domínio, Saussure falará da “segunda existência” do signo, na qual a significação é isolada. Em suma, os morfemas vão comparecer, porém, reduzidos ao seu lado *material*: “uma soma sempre decomponível de raciocínios fonéticos” (CLG: 256), obtida pelo procedimento de análise do linguista.

Engler (1995: 5) destaca que a separação entre sincronia e diacronia provoca uma mudança na *concepção do signo*.

6. Por se tratar de um sentido pouco usado (cf. Dicionário Houaiss), achamos por bem esclarecer que o termo *contestável* usado na tradução consultada é empregado no sentido de *atestável*.

Comme pour langue et parole, le signe n'est pas le même en synchronie e diachronie: en synchronie il est l'unité bifaciale, *en diachronie il est dissocié*. Il y a, comme Saussure le dira dans ses cours, déplacement du lien entre signifiant et signifié, et changement, du signifiant seul, du signifié seul, ou des deux séparément. Or tout changement se produit d'abord, dit Saussure, dans la parole, où nous avons constaté une première dissociation, et se répercute par la sanction sociale sur la langue. (grifo nosso)

Seria necessário, então, depreender daí a relação entre o signo sincrônico (bifacial = significado/significante) e a legitimação da linguística inaugurada por Bopp. Parece-nos que conceber o signo de dupla face é condição para que a linguística tenha seu método assegurado; afinal, a língua muda – os estudos histórico-comparatistas vinham colecionando dados empíricos há quase um século. Por outro lado, o falante opera sob o regime da continuidade/semelhança, reconhecendo raízes, temas, sufixos, não obstante as alterações sofridas por estes ao longo da história/do tempo: “a língua do dia seguinte sempre existiu na véspera, da mesma forma” (ELG: 136).

Retomando o que diz Milner (2012 [1978]) a respeito do conceito de signo: “Graças a ele dispomos de uma regra segura para delimitar o império dos fenômenos: no conjunto das coisas em si, que gravita na órbita [...] da linguagem, *apenas as dimensões atribuíveis ao signo mostram-se da ordem de uma observação possível [...]*”. (p.54 – grifo nosso)

Trazer a significação para o interior da língua em seu estado sincrônico, como faz Saussure, permite que o signo linguístico, agora concebido como composto de duas faces, deixe-se escrever na sua materialidade. É possível reconhecer nele impressas as marcas da *mudança*, ao tempo em que a significação, submetida, na língua, à contraparte material do signo, garante a *continuidade* da língua entre os falantes.

É preciso, pois, que a linguística justifique o seu método e o seu objeto, reconhecendo não haver outro *corpo* ou lugar de existência da língua, isto é, de seus fenômenos, fora dos indivíduos falantes. Não estar fora do falante, entretanto, não é o mesmo que estar em seu *pensamento*. Discutindo a inexistência de compostos com o primeiro

elemento verbal no indo-europeu e a existência destes no alemão, indaga Saussure:

[...] dever-se-á crer que num dado momento os germanos modificaram um modo de pensamento herdado de seus antepassados? Vimos que essa inovação se deve a um acaso não somente material como também negativo; a supressão de um *a* em *bethaus*. Tudo se passa fora do espírito, na *esfera das mutações de sons, que cedo impõe, um jugo absoluto ao pensamento e o forçam a entrar no caminho especial que lhe é aberto pelo estado material dos signos*. (CLG: 267)

O pensamento, lemos acima, é submetido *a um caminho especial aberto pelo estado material dos signos*. A natureza e a força dessa materialidade demandam uma consideração particular que convoca a fala (a esfera das mutações de sons e da *primeira dissociação do signo*, conforme propõe Engler) e o *corpo* do falante. Propomo-nos a enfrentar essa questão mais diretamente no próximo item, em que trataremos do fonema.

Podemos desde já reconhecer um problema quanto à delimitação do *fenômeno diacrônico*. Falar em “segunda existência do signo” tem, pelo menos, duas implicações: 1 - será necessário tratar por *signo* uma unidade que se apresenta dissociada daquilo que a qualifica na reflexão de Saussure; 2 - a ideia de submissão do dado/fenômeno ao sujeito, fruto da revolução copernicana operada por Kant, sugere sofrer um novo deslocamento. Pode-se reconhecer agora o sujeito *submetido ao dado*, isto é, ao signo em sua “segunda existência”, uma vez que a consciência do falante não se dá no nível do “signo dissociado”, mas sempre de um signo bifacial: “a língua [o sujeito falante] só tem consciência do som como signo” (ELG: 157). A consciência ou sentimento do signo pelo sujeito garante ao signo a condição de fenômeno observável da linguística. Por outro lado, reconhecemos a *afecção* do sujeito pelo “estado material do signo” que tem por efeito a significação. Essa cadeia sonora organizada que se impõe ao sujeito e se fixa na língua será o *fenômeno da diacronia*. Escrivê-la a partir de raciocínios fonéticos será, mais que a tarefa da linguística, a condição de fazer da linguística uma ciência nos moldes da ciência moderna, sem precisar recorrer ao *naturalismo* que impregnou a gramática comparada. Chamar a essa cadeia sonora de *signo* só se justifica se considerarmos o seu *efeito* sobre o sujeito

falante pensado a partir do ponto de vista sincrônico. Isso nos permite entender um pouco melhor a afirmação de Milner (2012), reproduzida páginas atrás: “[...] o signo não é objeto de uma teoria, mas o *meio* de expor uma teoria cujo objeto é completamente outro” (p.57).

De volta ao texto dos ELG⁷, há um trecho que concluímos ser dirigido à escola de Bopp, a despeito do apagamento do sujeito da frase:

Sobre o papel – para o sujeito falante ou conjunto de sujeitos falantes – para o *sujeito pensante e falante*.

A [] não tratou a linguagem como fenômeno; ela disse:

A língua é a letra; a linguagem é a língua ou o idioma, e o idioma é a letra; a língua é o fonema, é a correlação entre o pensamento e o fonema” (ELG: 115 – grifo nosso).

A menção ao sujeito, nessa passagem, curiosamente dá destaque às características de *pensante* (racional?) e de *falante*, o que nos possibilita reafirmar que o adjetivo “falante” em Saussure tem uma função bastante precisa. Além disso, no trecho acima, a questão do fenômeno na linguística se repete e conduz à relação estabelecida entre *letra* e *fonema* na definição de língua para Bopp (assumimos tratar-se de uma reflexão dirigida a sua escola, tendo em vista o conjunto do documento). Conhecemos bem a passagem do CLG na qual Saussure condena a escrita e a postura de Bopp: “[...] lendo-o, acreditar-se-ia que a língua fosse inseparável de seu alfabeto” (p.35).

Retornando à discussão quanto à condição da ciência moderna, vemos a *escrita* na linguística deixar a descoberto os caminhos que enredam o conceito de fonema, letra, som e fala. A crítica a Bopp, parece-nos, toca a questão da associação da letra do alfabeto ao fonema e deste à fala, numa relação de representação direta, que dá ao fonema uma qualidade positiva, incompatível com a escrita das formas/fórmulas do passado.

Recorremos mais uma vez a Milner (1995 : 22), quando afirma que, mais que matematizável, a escrita da ciência galileana é *literal*: “[...] il ne s’agit pas de la quantification (mesure), mais de ce qu’on

7. Devido aos limites deste trabalho, deixaremos de comentar o parágrafo que antecede a este no documento em análise.

pourrait appeler le caractère *littéral* de la mathématique : que l'on use de symboles qu'on peut et doit prendre à la lettre, sans avoir égard à ce qu'éventuellement ils désignent [...]». Portanto, para que a língua seja a letra/fonema, no sentido da *literalidade*, seu esvaziamento, até chegar à pura diferença, é uma condição. Supor na *letra* a representação de algo que lhe é exterior (nesse caso, um som ou um pensamento) é negar sua condição de escrita de um fenômeno. A “correlação entre o pensamento e o fonema”, a que se refere Saussure, denuncia os resquícios de uma concepção representacionista da linguagem, com a qual a linguística moderna teria rompido.

Se há significado, já vimos, ele não está no pensamento, mas na língua, no signo, conforme propõe Saussure com a noção de arbitrário. Estar no signo é condição para que a escrita registre as leis estritas que regem sua materialidade (que explicam sua mudança e a possibilidade de reconstrução de formas passadas), ao tempo em que assegura que a língua para os falantes nunca cesse de ser ela mesma: “Há *transformação*, ainda e sempre transformação, mas não há, em parte alguma, reprodução ou produção de um ser linguístico novo, com existência distinta do que o precedeu e do que se seguirá a ele” (ELG: 177).

Na sequência do texto do ELG em análise, vêm os parágrafos seguintes, que fazem outras articulações relevantes para a discussão:

A primeira escola de linguística não considerou a língua em sua característica de fenômeno. É preciso dizer mais. Ela ignorou o fato da *linguagem*, atirou-se diretamente à *língua*, ou seja, ao idioma (conjunto de manifestações da linguagem de um povo numa época), e só viu o idioma através do véu da escritura. Não há fala, há apenas conjuntos de letras.

Um primeiro passo se deu: da letra veio a considerar o som articulado e do papel se passou ao sujeito falante []. Não há ainda a linguagem, já há a fala.

A conquista destes últimos anos é ter, enfim, colocado não apenas tudo o que é a linguagem e a língua em seu verdadeiro nicho exclusivamente no sujeito falante seja como ser humano seja como ser social. (ELG: 115-16)

Assumimos que as afirmações acima correspondem, em sequência, à análise feita por Saussure sobre as diferentes reflexões da linguística do século XIX: no primeiro caso, a da escola de Bopp – já explicitamente mencionada –, no segundo, a da escola dos Neogramáticos

– identificados por, ruidosamente, rejeitarem a letra (o alfabeto) e convocarem a fala nos estudos linguísticos – e, no terceiro caso, a reflexão à qual se filia, denunciada na expressão dêitica *estes últimos anos*, que assume ser o sujeito falante em suas características individuais (de ser humano) e sociais, *o nicho da linguagem e da língua*.

É digna de nota a articulação gradativa entre os momentos da área e a referência à *fala*: a escola de Bopp ignora o fato da linguagem, vê a língua, entendida como idioma, sob o véu da escritura e *desconsidera a fala*; a segunda escola ainda não inclui a linguagem, mas *já inclui a fala* (o som articulado) e com ela o sujeito falante, no lugar do papel; a última etapa referida, a “conquista final”, não menciona nem a letra nem a fala, mas dá ao sujeito falante a condição de lugar, de nicho.

Focaremos, a seguir, o fonema na reflexão linguística saussuriana, buscando articular o seu estatuto com a discussão empreendida até então.

O fonema e seu caráter *ambíguo*

O terreno da fonética saussuriana é complexo. Com a separação dos fenômenos de linguagem em *diacrônicos* e *sincrônicos* deparamo-nos, muito particularmente, com a resistência oferecida pelo conceito *fonema* para se deixar definir e classificar.

Vamos nos valer do *Léxique de la terminologie*, preparado por Godel (1957), para resumir algumas definições propostas por Saussure que dizem respeito ao fonema. Sob o verbete *Phonème*, foram selecionadas duas definições: (a) No *Mémoire*, típico trabalho de reconstrução linguística, tem-se: «Élément d’un système phonologique où, quelle que soit son articulation exacte, il est reconnu différent de tout autre élément»; (b) «Unité phonique complex, dont la formule est

$\frac{F}{f}$	$\frac{\text{son}}{\text{acte phonatoire}}$
---------------	---

[Articulation buccale, impression acoustique] : Ainsi dans le phonème K : deux côtés qui ne font qu’un par leur correspondance» ; «Le phonème a un pied dans chaque chaîne», «[...] l’unité d’un phonème est dans le cerveau». (Saussure *apud* Godel: 272).

Sob o verbete *Espèce phonologique*, encontram-se outras definições relacionadas – «phonème considéré hors de la chaîne, dans un classement fondé sur la forme de l’articulation [...]. Chaînon irréductible considéré in *abstracto*, en dehors du temps». (p.260).

Sob o verbete *Irréductible*, outras definições nos chamam a atenção: «*éléments (ou unités) irréductibles*: phonèmes en tant que produits de l’analyse phonologique (acoustique); *Les sons sont obtenus en découpant phonologiquement les mots et en allant jusqu’aux éléments irréductibles*. Phonèmes en général: *les unités irréductibles a, i, u, d, b*». Numa segunda parte da definição, precedida da indicação *synchr.*, lemos «Ces unités n’existent pas hors des mots; c’est pourquoi on peut les considérer comme *unités linguistiques*, c’est-à-dire leur reconnaître une *valeur* : elles contribuent à *constituer des unités significatives*» (p. 265).

Diante de definições que não são completamente claras, na medida em que, ora convocam a cadeia falada (articulação), ora a descartam em favor da análise acústica e ora convocam as duas sob a forma de uma unidade complexa, reconhecemos, através das indicações de Godel, tratar-se de definições recolhidas em trabalhos que tratam de *fonética*, *fonologia*, *morfologia*, *diacronia* e de *sincronia*, demonstrando a recorrência do conceito de fonema na formulação teórica saussuriana, ao tempo em que denuncia seu caráter fugidivo. Tratando-se de Saussure, “o homem dos fundamentos”, não é irrelevante que isso ocorra.

Ao chamar o fonema de unidade *complexa* e colocá-lo no intervalo entre as cadeias da fonação e da análise acústica, na verdade, com “um pé em cada cadeia”, Saussure parece explicitamente ressaltar o *caráter ambíguo* do fonema e rejeitar uma definição dicotômica. Referido na fonética e na fonologia saussurianas, o termo escapa. A fonética saussuriana pertence ao domínio da diacronia, é ciência histórica, é parte essencial da *ciência da língua* e a fonologia, situada “fora do tempo” como a descreve Saussure, é disciplina auxiliar dos estudos sincrônicos e neles só se refere à *fala*. No entanto, vemos que as transformações analisadas pela fonética referem-se igualmente à *fala*: “Todas as modificações da língua, sejam fonéticas, sejam gramaticais (analógicas), se fazem exclusivamente no discursivo. [...] *Toda inovação chega de improvisado, ao falar*, e penetra daí, no tesouro íntimo do ouvinte ou

do orador [...]” (ELG: 87). Cabe, portanto, enfrentar no que consiste a separação entre os estudos, a partir do que a *fala* representa num e noutro caso.

Discutimos anteriormente o apagamento da *fala* ou do *uso* nos estudos linguísticos (comparatistas) em favor da reconstrução de formas “impronunciáveis”. Perdem-se as qualidades positivas dos fonemas; perde-se a significação da unidade morfológica. O que resta da unidade linguística do passado diz, tão somente, daquilo que subsiste no sistema como *forma*, consequência do descarte da substância fônica; daí a possibilidade de *reconstrução*, sem que evidências empíricas diretas atestem essa entidade teórica. É bem conhecido o caso do sistema de vogais do indo-europeu, de que se ocupou Saussure no seu *Mémoire*, e a posterior descoberta do parentesco do hitita com as línguas indo-europeias.

Entretanto, há ainda que se considerar um elemento na *complexidade* do fonema: o fato de, no cerne de sua definição, não se poder ignorar que ele remete a uma *matéria* e que esta se *transmite*, isto é, *atravessa o tempo*, produzindo *efeitos gramaticais* sobre o sistema da língua, *transformando-o*.

Se não fosse pelo fato, em suma contingente, de que *os materiais da língua se transformam* e acarretam, só por sua mudança, uma metamorfose inevitável nas próprias condições do jogo, não seria necessário, e jamais se teria considerado, *escrutinar a natureza exata desses materiais*: seria um esforço positivamente inútil. (ELG: 63)

A exclusão da significação da unidade em que figuram os fonemas, pensada a partir do ponto de vista diacrônico, sugere haver na “matéria sonora” assim concebida uma *qualidade* e um *efeito* especiais: ela se propaga no tempo e garante a vida da linguagem através do tempo. Ou seja, “é suscetível de se transmitir” (ELG: 51). Por outro lado, provoca o deslocamento da relação signo/signo, significado/significante, alterando a língua, isto é, “as condições do jogo” acima referidas: “De la nature de l’institution sémiologique, il résulte que le système, étant non seulement transmissible, mais *déstiné à être transmis*, est sujet à subir à tout moment toute espèce de déplacements [...] qui modifient la délimitation des signes” (Saussure *apud* Godel, 1957: 143 – grifo nosso)

Não há qualquer indício de **teleologia** nessa afirmação: “Il ne faut pas croire aux vues téléologiques quand on étudie l’histoire d’une langue” (Saussure *apud* Godel, 1957 : 133). O que explica esse *destino* da língua diz respeito às suas características de instituição semiológica: “A todo instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher. Dizemos *homem* e *cachorro* porque antes de nós se disse *homem* e *cachorro*.” (CLG: 88)

Por outro lado, prossegue Saussure,

Isso não impede que exista no fenômeno total um vínculo entre esses dois fatores antinômicos: a convenção arbitrária, em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se acha fixada. Justamente porque o signo é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário. (CLG : 88)

E acrescenta noutro momento: «Il ne faut pas oublier le principe fondamental que les signes sont arbitraires. Les valeurs dont se compose la langue sont arbitraires. <Pour cela, n’étant pas fondés sur la chose> difficile de les suivre à travers le temps ». (TCLG : 108)

Os estudos diacrônicos revelam que a *substituição* de fonemas é atestado material da *mudança*. A unidade, considerada em sua *materia-lidade sonora*, vira *outra*, fato ignorado pelo falante, que opera sob o “princípio da continuidade ou da não interrupção” (ELG: 133). Assim, paradoxalmente, a *mudança* atesta a condição da *transmissão*, pois “les sons ne se transmettent pas à l’état isolé ; ils n’existent et ne se modifient qu’au sein des mots” (Saussure *apud* Godel, 1957 : 40) e, ainda, “toute altération suppose la persistence de la substance ancienne” (p.86) ou “persistência da matéria velha” (CLG : 89). Portanto, a diacronia revela que a circulação das palavras na fala oblitera a significação em favor da persistência da substância, condição para que a alteração fonética aconteça. Lemos acima que, pelo regime do arbitrário do signo, que “não se funda sobre a coisa”, o *valor do signo no sistema* é perdido na passagem do tempo. A condição de possibilidade da diacronia, portanto, é a *teoria do signo*, que reconhece, como condição da alteração, o deslocamento da relação entre o significado e o significante.

Essa “persistência da substância antiga” ou da “matéria velha” será considerada em outras ocasiões por Saussure ao tratar da diacronia:

“Une langue étant donnée, on ne peut dire jusqu’à quand elle durera, mais on est sûr qu’elle remonte aussi loin qu’il est possible de remonter et qu’elle *amène ses matériaux de la plus profonde antiquité*, comme une moraine de glacier». (Saussure *apud* Godel, 1957 : 40 – grifo nosso). Ou ainda :

Pourquoi le signe est-il dans le cas de s’altérer ? Parce qu’il se continue. [...] En toute altération, ce qui domine, c’est *la persistance d’une bonne partie de ce qui existait*. C’est une *infidélité relative* que suppose qu’on s’appuie sur le principe antérieur. Le principe d’altération se fonde sur le principe de continuité. (TCLG: 98)

A recorrência ao tema sugere haver aí um ponto particularmente importante para a consideração da linguística, na mesma proporção em que *a análise material da fala*, num determinado *estado de língua*, objeto de estudo da Fonologia, será categoricamente rejeitada pelo autor como não pertencente à linguística. Trata-se de se separar o estudo dos sons na fala humana, enquanto execução da língua (mera fonação) num determinado estado, do estudo dos *efeitos* da fala *sobre a língua*, que os estudos diacrônicos flagram ao confrontar diferentes épocas.

Falar de efeito da fala sobre a língua implica, forçosamente, em falar nos efeitos da fala sobre o sujeito *falante*. Vimos que Engler propõe que na fala, assim como ocorre entre a diacronia e a sincronia, o signo saussuriano se *dissocia*. Entendemos aí que sua porção mais material, aquela que diz respeito às transformações fonéticas, isto é, o *significante*, age diferentemente sobre o sujeito. Isso nos conduz a tirar outra consequência para os estudos linguísticos sincrônicos: a impossibilidade de se reconhecer o “signo dissociado” diretamente na fala, pois a sua manifestação se dá *a posteriori*, ao se confrontarem diferentes épocas. A fala, portanto, tem sobre o falante efeito de *signo* – fundado na semelhança, no reconhecimento – e efeito de *significante* – fundado na subversão, na dissociação do signo. Contrariamente ao que se falou sobre a relação do fenômeno submetendo-se ao sujeito, no caso do *signo linguístico*, uma outra relação se anuncia quando pensamos no *significante* tal como ele se mostra nessa reflexão⁸.

8. Parece-nos muito pouco provável tratar-se de uma mera coincidência que a questão do sujeito se veja implicada na questão do significante, como ocorrerá na psicanálise lacaniana. Dirigindo-se a Foucault, após a conferência *O que é um autor?*, e dos debates que a esta se

O fonema: a letra da linguística

Tomar o *fonema* como a *letra* da ciência Linguística não se fará sem consequências. Diferentemente do que ocorre com a Física, por exemplo, a *letra* no domínio da linguagem tem uma longa história: entre *grámma*, do grego, e *littera*, do latim, muito se escreveu na história do ocidente. Há no caso do fonema uma origem que o põe em relação com a letra do alfabeto e sua escrita, assim como com a fala.

Saussure *critica* Bopp, por não fazer diferença nítida entre a letra e o som, e seus sucessores imediatos, por caírem na mesma *cilada* (CLG: 35). Nos fatos isolados da evolução, as unidades procuradas não correspondem às letras do alfabeto, o que leva o linguista a se deixar enganar. A relação entre a letra e “a unidade procurada” foi tomada como sendo direta. A *escrita* assim concebida deturpa o fenômeno em análise, qual seja, a evolução dos *sons* de uma língua. “Não há *fala*, há apenas conjuntos de *letras*” (ELG: 115), conclui Saussure, como vimos.

É pela *fala* que a transmissão opera, modificando a língua sob a aparência da continuidade. No domínio diacrônico, a possibilidade de reconstruir formas linguísticas do passado atesta a possibilidade da transmissão, porém, às avessas. Partindo do presente, reconstroem-se as formas de línguas que desapareceram, isto é, não deixaram *falantes*. Portanto, algo da materialidade da fala garante a transmissão do presente para o futuro e a escrita capta essa mesma materialidade percorrendo o caminho inverso. Para tanto, alerta Saussure, é preciso não se deixar enganar. Ao criticar Bopp e mencionar o passo que foi dado pela geração seguinte ao incluir a *fala*, uma nova relação entre a escrita e a fala começa a ser esboçada. No exemplo de Saussure sobre a reconstrução de **ěk₁wōs*, reconhecemos que essa escrita corresponde

seguiram, Lacan assim se expressa: [...] gostaria de enfatizar que, estruturalismo ou não, não me parece de forma alguma que se trate, no campo vagamente determinado por essa etiqueta, da *negação do sujeito*. Trata-se da *dependência do sujeito*, o que é completamente diferente; e muito particularmente, no nível do retorno a Freud, da dependência do sujeito em relação a alguma coisa verdadeiramente elementar, e que tentamos isolar com o termo ‘significante’” (Lacan *apud* Foucault, 2013: 301-2 – grifo nosso). Não nos deteremos nessa discussão, mas é impossível ignorar que, embora ressignificado, o termo *significante* em Lacan se origina numa leitura particularmente acurada da linguística saussuriana, ao levantar a questão da dependência do sujeito ao significante.

a algo da substância linguística que persiste e não se esgota no ato de fonação. A letra, não mais a do alfabeto, registra da fala a diferença, uma materialidade tangível de outra ordem.

A *fonologia*, dirá Saussure, permite à linguística livrar-se das *ilusões da escrita*, pois as mudanças na oralidade não são acompanhadas por mudanças ortográficas. A escrita ortográfica, testemunho de línguas passadas, é tomada como auxiliar na tarefa do linguista desde que *interpretada*, para esclarecer fatos da *fala*. A relação estabelecida entre a letra e o fonema deve ser *descoberta*, pois não se apresenta diretamente. A escrita ajuda, ainda, a determinar o *sistema fonológico* de uma determinada época: “Quando se trata de determinar o valor duma letra, é muito importante saber qual foi, numa época anterior, *o som que ela representava*” (CLG: 45). A letra nessa passagem reassume seu caráter de imagem, embora não o faça de maneira direta como a concebeu Bopp e sua escola.

No Apêndice nomeado *Princípios de Fonologia*, no CLG, parecemos ocorrer outro deslocamento importante. Ao discutir a definição de *fonema*, afirma o autor, referindo-se ao *alfabeto grego primitivo*: “Cada som simples é nele representado por um único signo gráfico e, reciprocamente, cada signo corresponde a um *som simples*, sempre o mesmo” (CLG: 50 – grifo nosso). Na sequência de sua explanação sobre a definição de *fonema*, Saussure nos leva a entender que, nesse caso, a *letra* no alfabeto grego primitivo remete a uma unidade homogênea, *acima das variações da fala*, concluindo que seriam estas correspondentes à *cadeia falada em suas faces acústicas homogêneas*, princípio não percebido pelos demais povos em seus diferentes alfabetos.

Desta feita, não se trata de um elemento recolhido apenas na cadeia falada. Ao voltar a tratar do *sistema fonológico* de cada língua, Saussure assinala que as unidades pertencentes a esse sistema não poderão ser delimitadas exclusivamente no ato de fonação, sendo necessário, também, apoiar-se no *lado acústico*, na *impressão produzida no ouvido do falante* (CLG: 49). Na sequência, fala em *espécies*, levando-se em conta o caráter distintivo destas: “[...] o fragmento irreduzível *t*, tomado à parte, pode ser considerado *in abstracto*, fora do tempo. Pode-se falar do *t* em geral, como da espécie *T* [...], do *i* como da espécie *I*, levando-

se em conta apenas o caráter distintivo e deixando de parte aquilo que depende da sucessão no tempo”. (CLG: 51)

A análise de Saussure segue-se à sua discussão do alfabeto grego primitivo, “descoberta de gênio, que os latinos herdaram” (CLG: 50) – chamamos a atenção para o uso do termo *descoberta* e não invenção –, representado relativamente à cadeia fônica, com a mesma notação que utilizará ao tratar das “espécies”, isto é, *maiúsculas*⁹. A escrita alfabética ressurgiu, desta vez, não para *enganar*, mas para *revelar* as “espécies” e seu *caráter distintivo*. Deslocamento operado pela entrada do sujeito falante nas considerações da linguística, primeiramente via *fala/ato de fonação* e, posteriormente, via *escuta*.

O valor da *letra* desloca-se do *som*, presente na fonação, para a “espécie” ou “fragmento irredutível”, obtido exclusivamente através da *impressão acústica* provocada pela *cadeia falada*. Além da *fala* torna-se igualmente necessário o *ouvido* do sujeito para delimitar as unidades, como dito acima. No entanto, é preciso não esquecer que o falante opera sob o registro do signo. As unidades que os estudos diacrônicos escrevem/reconstróem não podem ignorar esse princípio. Daí o reconhecimento de Saussure de haver uma “segunda existência” para o *signo*, a partir da qual os *raciocínios fonéticos* poderão ser feitos *pelo linguista*.

Esses efeitos, flagrados nos estudos evolutivos, revelam a força da *matéria linguística* para impor-se ao sistema semiótico. E nos conduz novamente à conclusão de Milner (2012): “[...] o arbitrário não governa apenas a relação da coisa significada com o signo, mas também a do significante com o significado [...]”. (p. 59)”. O deslocamento do arbitrário para a relação entre significado e significante permite que a persistência dos efeitos da substância possa ser teorizada *a partir* do conceito de signo, como vimos insistindo. Daí, acreditamos, a insistência de o fonema pertencer ao domínio da diacronia e a cautela de Saussure em atribuir às *unidades irredutíveis* – extraídas da análise fonológica num estado de língua – o estatuto de *unidade linguística* (cf. Godel, 1957: 167).

9. É oportuno mencionar que, ao registrar o termo *fonème* em seus manuscritos, Saussure por diversas vezes utiliza-se da letra grega φ (phi) registrando *φonème* ao invés de *phonème*. Isso, acreditamos, sugere a relação entre fonema e letra na *escrita literal* da linguística.

A língua pensada como tendo “um *corpo* e uma *existência* imaginários, *fora dos indivíduos falantes*” desloca-se, assim, para o *corpo do falante*, para o intervalo entre a produção e a percepção [articulation buccale; impression acoustique] do que poderá, ou não, se constituir em um fato linguístico, a depender de “le jugement d’identité prononcé par l’oreille” (Saussure *apud* Godel, 1957: 161).

Dissemos no início desta seção que, com a separação dos fenômenos de linguagem em *diacrônicos* e *sincrônicos*, deparamo-nos, muito particularmente, com a resistência oferecida pelo conceito *fonema* para se deixar definir e classificar. Na verdade, a formulação dos domínios diacronia/sincronia, que assistimos na linguística saussuriana, nos parece efeito do reconhecimento da divisão do sujeito falante, que opera simultaneamente a mudança e a continuidade da língua, assim como à demarcação de um lugar particular reservado ao linguista, em face dessa divisão. Isto é, ao se colocar na perspectiva do sujeito falante, o linguista deverá dar às unidades significativas, fruto da associação *psíquica* de um significante e um significado, a condição de *realidade*. Por sua vez, as unidades da diacronia, os fonemas articulados num encadeamento (os significantes), cuja *materialidade* é constitutiva de sua definição e atestado pela história das línguas, não concernem senão ao linguista (TCLG: 125), pois delas não se apercebe o falante e, se o faz, não reconhece mais do que sua necessária vinculação a uma unidade significativa da língua, o que a faz virar outra coisa.

Dirá Saussure em Sobre a Essência Dupla da Linguagem:

Uma forma é uma figura vocal que, na consciência dos sujeitos falantes, é *determinada*, ou seja, é ao mesmo tempo existente e delimitada. [...]. Ela não tem necessariamente ‘um sentido’ preciso; mas ela é percebida como alguma coisa que *é*; que, além disso não seria mais, ou não seria mais a mesma coisa, caso se modifique o que quer que seja em sua exata configuração (ELG: 37)

Na sequência de seu texto, assinala, entre parêntesis: “(Eu duvido que se possa definir a forma com relação à ‘figura vocal’, é preciso partir do dado semiológico)” e, mais adiante, afirma: “Uma figura vocal *se torna uma forma* a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua [...]” (ELG: 38 – grifo nosso).

A questão é: como essa introdução da figura vocal no jogo da língua ocorre? Entendemos tratar-se da mesma indagação que se repete ao longo da reflexão do autor: como acontecimentos contingentes, acidentes materiais de fala têm consequências sincrônicas, modificando o sistema da língua? Uma figura vocal torna-se forma a partir do julgamento de identidade pronunciado pela orelha do falante, mas só se pode flagrar essa passagem na história da língua, confrontando-se uma época A com uma época B. Do ponto de vista sincrônico, figura vocal e forma são conceitos inconciliáveis. Os efeitos da primeira sobre a segunda são contingentes e escapam à consciência dos sujeitos falantes, sempre situados num determinado estado de língua, de onde operam necessariamente a partir do “dado semiológico”.

Falar em *figura vocal* que se torna *forma* na língua é falar no encadeamento onde se encontram os fonemas: “[...] não há outro avatar qualquer dos fonemas além do que se vê no encadeamento”, declara Saussure (ELG: 126). Assim sendo, o atravessamento do sujeito falante, operado pelo “fragmento irreduzível”, obtido exclusivamente através da *impressão acústica* provocada pela *cadeia falada*, necessariamente se faz através do *significante* linguístico. Enfim, a passagem da figura vocal à forma se *origina* no falante, mas não explica sua *origem* na língua. Tudo o que a diacronia é capaz de escrever de seu fenômeno são *fragmentos* – “[u]ma forma reconstruída não é um todo solidário, mas uma soma sempre decomponível de raciocínios fonéticos” (CLG: 256 – grifo nosso); no domínio diacrônico, “[...] não é mais a língua o que [o linguista] percebe, mas uma série de acontecimentos que a modificam” (CLG: 106 – grifo nosso) –, o que põe a descoberto o caráter fortuito, contingente, da língua – “[...] nous voyons le caractere fortuit de chaque état” (TCLG: 111). A diacronia, portanto, revela, com sua escrita, que o *significante* age: sua *transmissão* garante a vida da linguagem através de uma materialidade que, despojada do sentido e à revelia da consciência do sujeito falante, “[...] fica livre para se modificar conforme leis estranhas à sua função significativa” (CLG: 137).

A propósito da revolução copernicana de Kant quanto à “submissão necessária do objeto ao sujeito”, discutida no início deste trabalho, apontamos para o fato de que, quando o “objeto” em questão é a língua, reconhecemos igualmente a *afecção* do sujeito pelo “estado material do signo”, que tem por efeito a significação – Saussure refere-

se expressamente à “[...] passivité des sujets parlants devant le signe” (TCLG: 109). Insistindo ainda mais na reflexão, vemos que esse reconhecimento encobre um outro deslocamento importante: os acidentes que incidem *sobre os significantes* que a fala transporta – seja na sua estrutura interna (composição fonética), seja na sua *combinação* com outros signos (sua segmentação, seus limites na cadeia). Serão essas cadeias refeitas, esses limites que a “ficção do signo” *impõe sobre a matéria sonora*, que estabelecerão incessantemente as leis estritas de sua constituição material e de sua combinação gramatical.

Entendemos, assim, a insistência de Saussure em alertar os linguistas para não atribuírem “aos períodos antigos da língua nenhum procedimento ou fenômeno além dos que são contestáveis na linguagem viva” (ELG: 158). O que a diacronia escreve não é indiferente à sincronia e a seus acidentes. Pela *fala* esses domínios se tocam e se separam, mas jamais se excluem, nem se apresentam dicotomicamente. O mesmo ocorre com o sujeito que é afetado ao tempo em que afeta a materialidade, “as porções de sonoridade” (CLG: 120) que a fala comporta sob a forma de significantes.

Se o fonema não tivesse um pé em cada cadeia *da parte fisiológica* do circuito da fala, aquela que convoca o *corpo do falante*, o sistema não poderia ser atingido. O significante, cuja escrita se faz pelos fonemas, atravessa a história das línguas (o tempo), porque atravessa o corpo do falante, à revelia de sua função significativa, daí a sua impotência para reconhecê-lo, como poderá fazê-lo o linguista, que se desloca para o ponto de vista diacrônico, confrontando diferentes épocas.

Descrever o inventário fonológico de uma língua não explica o que é da ordem do contingente, isto é, do que logra sucesso histórico, ou seja, tem *consequência sincrônica*. É preciso, pois, conceber o fonema enquanto elemento *ambíguo*, que *age* com um pé na fonação e outro na impressão acústica, que convoca a ideia de duplo sentido, de equívoco, de incerto. Mais do que reconhecer que todas as línguas operam com um número limitado de fonemas, Saussure quer mostrar “a natureza exata desses materiais” (ELG: 63) na sua relação com o fato semiológico, que faz da língua um sistema em frágil equilíbrio, que não cessa de mudar. Na verdade, não pode não mudar, sob pena de deixar de ser uma instituição *humana*, cuja natureza só a linguística, como ele a concebe, seria capaz de escrutinar.

Reencontramos aqui a possibilidade de *reler* a relação *letra/fonema* na linguística, como o fez Bopp, afetada, no entanto, pela consideração de ser o falante o nicho da língua e da linguagem. Os estudos diacrônicos permitem *ler na fala* as unidades que testemunham as mudanças no sistema da língua e, a partir dessa leitura, *escrever a língua na sua incompletude*, tomando por letra os fonemas, elementos que se definem por estarem no intervalo entre a fonação e a escuta do sujeito falante. Lê-se e escreve-se, portanto, o que a fala inscreveu, gravou no corpo do sujeito falante sob a forma de “impressão acústica” (*impression/empreinte acoustique*) – expressão tão fortemente associada ao significante linguístico – e que se transmite através do tempo. Mais do que isso, está “destinado a ser transmitido”, como enfatizou Saussure.

Assumimos neste trabalho que a transmissibilidade da língua não é indiferente ao reconhecimento de o fonema/a letra da linguística ser igualmente uma unidade que só se define com a consideração do corpo do falante. *O que* a linguística escreve, portanto, inscreveu-se no corpo do falante, “nicho da linguagem e da língua”. Defendemos que é a inclusão do sujeito que confere a Saussure o lugar de *continuador* da ciência fundada em torno do nome de Bopp ao descobrir, para além do signo, o *significante linguístico*.

Num sentido muito particular, *a língua é a letra* e, para sê-lo, o sistema, fortuito e contingente por definição, só se deixa escrever em seus fragmentos, já que língua e sujeito falante acabam por se fundir: “A primeira expressão da realidade seria dizer que *a língua (ou seja, o sujeito falante)* não percebe nem a ideia *a*, nem a forma *A*, mas apenas a relação *a/A [...]*” (ELG: 39). Enquanto fenômeno da linguística, a língua comporta o mistério de ser também o seu sujeito.

Conclusão

A título de conclusão, gostaríamos de voltar ao que dissemos na introdução deste trabalho a respeito do CLP: a leitura dicotômica dos conceitos saussurianos de língua/fala e forma/substância sustentará a diferença inconciliável entre *fonema* e *fone*, no domínio da sincronia, ao lado do conceito de signo.

Vimos que a discussão sobre fonologia em Saussure faz menção explícita à fonação, assim como admite o autor em mais de uma ocasião, “[...] cada língua, de fato, opera com um número determinado de fonemas bem diferenciados” (CLG: 44). Esse reconhecimento em relação a um *estado de língua* não atinge o que se buscava explicar no âmbito da ciência linguística. Esta, parece-nos, a razão pela qual Milner (2012) afirma, “[...] é preciso dizer claramente que, sob o ponto de vista do conceito, não há nada na linguística sincrônica pós-saussuriana – essencialmente a fonologia de Trubetskoy – que já não estivesse na gramática comparada”. (p. 52).

Língua e fala na sincronia efetivamente se separam, como separados estão os conceitos de fone e fonema, conforme o CLP. Por outro lado, a fala – domínio do fone – é determinante no pensamento diacrônico de Saussure, na medida em que seus *efeitos* atingem o sistema e provocam mudanças que a diacronia flagra através da substituição de fonemas. A fonética saussuriana, portanto, busca explicar como é possível atingir o sistema, alterá-lo, não de maneira mecânica/necessária, mas de maneira intermitente/contingente.

Para teorizar sobre isso, foi preciso recorrer ao sujeito falante como aquele que se encontra sob o *domínio* do signo, que exerce um jugo absoluto sobre seu pensamento: significante e significado estão na língua. Além disso, foi preciso tratar o fonema como unidade complexa, com um pé em cada cadeia, entre a articulação bucal e a impressão acústica que age no falante, pois se refere à parte fisiológica do circuito da fala. Seu corpo é atravessado por um elemento que circula nas cadeias da fala e produz efeitos de ordem linguística.

En prenant ce qui il peut y avoir dans le langage à la fois de plus matériel, de plus simple et de plus indépendant du temps, par exemple « le groupe *aka* » ou « la voyelle *a* », préalablement dégagés de toute signification, de toute idée d’emploi, cela ne représente rien qu’une série d’actions (physiologique et acoustiques) que nous jugeons concordante. *À l’instant où nous les jugeons concordantes, nous faisons de aka ou de a une substance*. Or il est impossible de se rendre compte de ce que vaut cette substance avant de s’être rendue compte du point de vue au nom duquel nous la créons. (Saussure *apud* Godel, 1957: 161 – grifo nosso)

A *substância linguística*, portanto, é a matéria sonora que, *no sujeito*, é afetada pelo funcionamento simbólico da língua, isto é, pelo fato de ser destinada a significar, pois se apresenta como signo. Por outro lado, vimos definição muito semelhante páginas atrás quando Saussure tratou da *forma linguística*: “Uma forma é uma figura vocal que, na consciência dos sujeitos falantes, é *determinada*, ou seja, é ao mesmo tempo existente e delimitada. Ela não é nada mais, assim como não é nada menos”. (ELG: 37)

Ser *forma* ou *substância*, portanto, não está na natureza da unidade, mas no efeito produzido no sujeito falante. Assim sendo, as dicotomias língua/fala, forma/substância, dentre tantas outras, se retiradas da sincronia onde aparecem tão bem delimitadas e levadas para a diacronia, revelam o custo de se fazer da linguística uma ciência moderna.

A literalização da linguística terá, portanto, características muito particulares, com consequências igualmente particulares no campo das ciências humanas. Nas palavras de Milner (2012):

As letrinhas de Galileu revelam-se poder soletrar outra coisa que não a *physis* – mais exatamente, o outro da *physis*. Abre-se uma fissura na noção de mundo, portanto, uma vez que ela poderia almejar ser coextensiva ao reino do Um: um novo modo de ser emerge, o de um Um não físico, que Saussure se esgotou na tentativa de abarcar – e, depois dele, os estruturalistas. (p.67 – grifo em negrito nosso).

Recebido em: 27/12/2016

Aprovado em: 17/05/2017

E-mail: nrbfaria@uol.com.br

Referências

- DELEUZE, G. 2001 [1953]. *Empirismo e subjetividade*: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: Ed. 34.
- _____. 1976 [1963]. *Para ler Kant*. Rio de Janeiro: F. Alves.
- ENGLER, R. 1995. Niveau et distribution d'éléments dans le rapprochement de théories linguistiques, *Linx* [En ligne], 7, mis en ligne le 13 juillet 2012, consulta em 25 septembre 2014. URL: <http://linx.revues.org/1150>; DOI: 10.4000/linx.1150.

- _____. 1968. *Lexique de la terminologie saussurienne*, Comité international permanent des linguistes, Publication de la commission de terminologie, Utrecht-Anvers: Spectrum.
- FOUCAULT, M. 2007 [1966]. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. 2013. O que é um Autor? [1969]. In: _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema* (Ditos & escritos III). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GODEL, R. 1957. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Genève: Librairie Droz.
- KOYRE, A. 1991. Da influência das concepções filosóficas sobre a evolução das teorias científicas [1954]. In: _____. *Estudos de história do pensamento filosófico*. Rio de Janeiro: Forense.
- _____. 1991. Do mundo do “mais ou menos” ao universo da precisão [1948]. In: _____. *Estudos de história do pensamento filosófico*. Rio de Janeiro: Forense.
- MILNER, J-C. 1995. *Introduction à une Science du langage* (version abrégée). Paris: Éditions du Seuil.
- _____. 2008. *Le périple structural : figures et paradigmes*. Nouvelle édition revue et augmentée. Paris: Editions Verdier.
- _____. 2012 [1978]. *O amor da língua*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- SAUSSURE, F. 1982. *Cours de Linguistique Générale*. Edição crítica por Tullio de Mauro. Paris: Payot.
- _____. 1973 [1916]. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix.
- _____. 2004 [2002]. *Escritos de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.
- _____. 1993. *Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911): d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin*. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris, Pergamon Press.